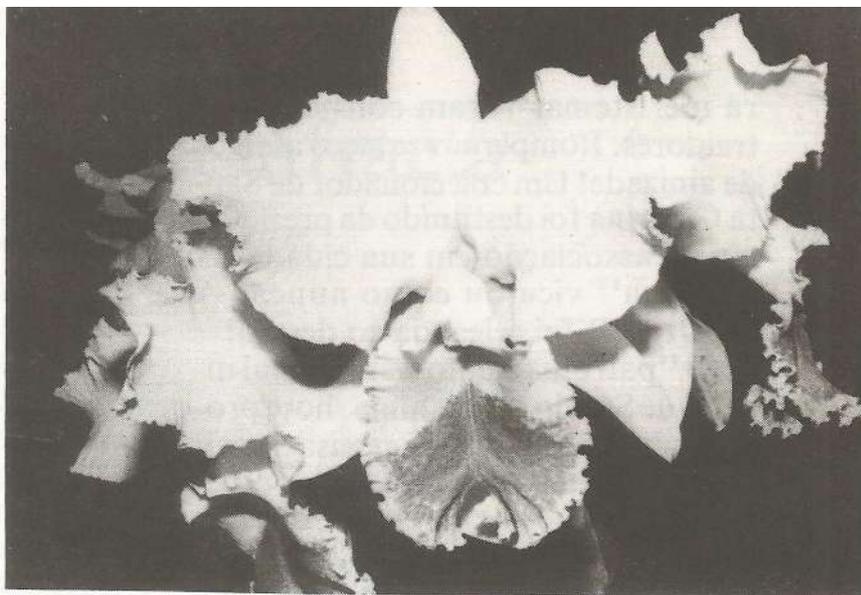


Híbridos de Cattleya e seus Híbridadores Brasileiros Final



Lc. Sônia Altenburg Cultivo: A. Pessoa

Álvaro Pessoa

Ao procurar criar uma coleção, o interessado pode ter em mente vários objetivos: demonstrar seu capricho e cuidado com as peças escolhidas; investir na coleção para formar uma reserva de valor utilizável em caso de necessidade, ou dedicar-se à atividade como simples “hobby”. As coleções de orquídeas não fogem a estas regras e, quem estiver interessado em colecioná-las, deve ler o oportuno artigo (último número da revista) de Raimundo Mesquita, no qual se buscou uma explicação para esta interessante escolha.

Até os fins dos anos 60, iniciar uma coleção de orquídeas de alto padrão, segundo unânimes depoimentos, parece ter sido a tarefa de um gigante. Os grandes colecionadores compravam suas plantas a peso de ouro e as trocavam apenas entre si, de sorte que os orquidófilos poderosos eram uma casta especial, para quem os demais ficavam relegados a segundo plano. Waldyr Endesfeldz conta ter ouvido de um desses poderosos, a quem solicitara um traseiro miúdo de *Laelia purpurata* “carnea” (então raríssima) a sentença fatal: “mas isto não é planta para o seu bico”.

As estórias podem se repetir “ad nauseam”, mas tinham sempre o mesmo objetivo: manter o monopólio da beleza! Isto não impedia que a orquidofilia, no Rio de Janeiro, nos Estados do Sul e em Minas Gerais fosse forte

e ativa. As raridades continuavam, entretanto, nas mãos de 10 ou 12 poderosos cultivadores. Poderosos no sentido econômico-financeiro ou no sentido do bom-gosto e das amizades (elementos decisivos na estrutura da boa coleção).

Foi no início da década de 1970, que o advento da clonagem ou da produção de meristemas começou a mudar o quadro. Rolf Altenburg iniciou a clonagem de suas melhores matrizes híbridas e tornou possível aos colecionadores de porte médio, o preço acessível de plantas de boa linhagem. Aos grandes colecionadores de espécies isto não afetou. Afinal, Rolf sempre fora um grande colecionador de híbridos e não de espécies. Nunca ameaçou o monopólio das raridades em matéria de espécies.

No início da década de 1980, entretanto, a EQUILAB, empresa controlada acionariamente pelo falecido Adhemar Manarini, entrou comprando pesado no mercado de espécies para fazer clonagem (ou cópias) das espécies adquiridas. Pior ainda, pois entrou na área mais sensível dos cultivadores de espécies: a das *Laelia purpuratas*, *Cattleya labiata* e *intermedias*. Foi um deus-nos-acuda! Pela primeira vez, os grandes colecionadores tiveram suas coleções, formadas com cuidado, alto preço e sacrifícios, ameaçadas de desvalorização.

Os que venderam boas espécies pa- ▶

ra meristemar foram considerados traidores. Romperam-se laços antigos de amizade! Um colecionador de Santa Catarina foi destituído da presidência da associação em sua cidade! A “fofoca” vicejou como nunca! A EQUILAB foi relegada ao desvio!

O “patrulhamento” atingiu tal nível, que Sumio Nakashima, hoje produzindo meristemas, se recusa a aceitar encomendas de clonagem de espécies. Não quero encrencas, diz ele. Ainda recentemente, em Guaxupé, Sebastião Carneiro de Moraes, mineiro finíssimo e companheiro digno de honrar qualquer sociedade, queixou-se a este escriba das críticas que recebeu, por ter vendido, ano passado, algumas plantas. Dizia ele com razão: as plantas são minhas! Comprei-as com meus recursos! Ninguém tem nada com a forma de venda ou a quem as vendo. Menos ainda com o que quem compra vai fazer com elas!

O certo é que este patrulhamento está sendo vencido de duas formas. Primeira, pelos altos valores que estão sendo oferecidos a quem obtém raridades de valor reconhecidamente perpétuo. Já foram meristemadas verdadeiras raridades: *C. warneri* “Memória Roberto Kautsky”; *L. purpurata* “Milionária”; *C. labiata* “Emília” etc.

A segunda forma de flanquear este bloqueio, advém do natural aprimoramento de espécies feito por cruzamento ou autofecundação. Walter Haetinger, Aldomar Sander e o grupo de São Leopoldo, entre outros, destronaram, eles próprios, suas velhas *Laelia purpuratas* e *Cattleya intermedias*. As raridades de outrora foram vendidas no CEASA! Teruyoski Yano, Maurício Verboonen, Sandra Odebrecht, Sumio Nakashima, Harusi e Jorge Iwasita, Adhemar Manarini e César Wenzel, aprimoraram espécies que relegaram as antigas ao lixo!

A guerra agora é pelo monopólio das espécies “super-super”. Quem as detém, trabalha na mais absoluta “moita”. Até para vingar-se de quem está meristemando! Sabe-se, por exemplo, da obtenção, no Rio Grande do Sul, de uma cruzada de *L. purpu-*

rata (milionária x princesinha) que bate, de longe, a milionária. Não vou revelar o nome do proprietário, para evitar tornar-se réu de um processo crime, mas que ela existe, existe!

De certo modo, o bom senso eliminou a importância do meristema. Este, na precisa observação de Aldomar Sander, “quebra o encanto”. O cultivador sabe sempre o que vai esperar da planta, e não tem a sensação da descoberta! Nossa flora é tão rica; a possibilidade do aproveitamento de variações tão grande, que o meristema quase não tem mais justificativa, salvo talvez para corte de flores.

Esta produção hoje significativa de espécies aprimoradas, está também acabando com uma praga antiga da orquidofilia: a coleta de plantas nativas das florestas. A porcentagem de plantas boas obtidas na floresta é tão pequena, que ela não é compensadora. Os acertos de plantas obtidas em aprimoramento de espécies são, ao contrário, comprovadamente bons, menos arriscados de obter e, no conjunto, mais baratos.

O último capítulo da orquidofilia ainda não está escrito de forma completa. Ele passa pelas verdadeiras indústrias que os cultivadores japoneses mantêm no Vale do Paraíba. Eiji Hasegawa com seus 70.000 (isto mesmo, 70.000) *Phalaenopsis* em flor e 300.000 plantas em cultivo! Haga com 400.000 *Dendrobiums* e inúmeros outros do mesmo porte.

A orquidofilia brasileira não é mais, ou, pelo menos, não pode mais ficar sendo, um jogo de pioneiros heróicos. É preciso abrir a mente e as idéias à nova realidade. Acabou o tempo dos juntadores de plantas do mato! Que não são, geralmente, colecionadores caprichosos e dedicados, mas são os primeiros a criticar os prêmios daqueles que o são. *Cabeça*, como lembrava em recente conversa nosso associado Hans Kunning, é *como pára-quedas*: “Só serve, para alguma coisa, quando abre”. Vamos manter nossas cabeças abertas para o bem do futuro da orquidofilia brasileira e enfrentar com grandeza a nova realidade.